

## Tendências

# Dinâmica dos preços agrícolas

Eliseu Alves\*

OS PREÇOS da agricultura oscilam muito em função de eventos climáticos e de mudanças de políticas agrícolas dos países grandes produtores, exportadores e importadores. Por exemplo, a decisão dos Estados Unidos de produzir etanol de milho tem elevado os preços do milho, da soja e de outras *commodities*. Reverteu-se uma persistente tendência de queda.

Na análise dos preços da agricultura convivem oscilações provocadas pelo homem e pela natureza. Com fundamento na ciência e na tecnologia, a tendência tem sido de queda, pois a oferta cresce acima da demanda.

É possível distinguir três paradigmas na evolução da tecnologia:

**Primeiro:** as descobertas, até o começo do Século 20, frutos de tentativas guiadas pela intuição e pela experiência dos agricultores, o processo de tentativa-e-erro. Raras, elas não tiveram influência perceptível sobre a produtividade da terra. A produção cresceu com a população, e sempre com a incorporação de novas áreas e regiões, como as Américas e a Oceania.

Em 1840, Liebig descobriu as leis de nutrição das plantas e revolucionou a Química. Houve mudança na orientação da pesquisa de nutrição das plantas, e daí nasceram novas tecnologias. Finalmente, culminou com a indústria de fertilizantes, cuja evolução, de rápida expansão, estimulou o desenvolvimento de cultivares de elevada resposta.

**Segundo:** as Leis da Hereditariedade, descobertas por Mendel, e a Teoria da Evolução, de Darwin, ambas da segunda

metade do século 19, tiveram enorme influência no desenvolvimento de plantas e animais de elevada produtividade.

Com a capacidade de gerar tecnologias capazes de sustentar o crescimento da oferta, em um ambiente de preços favoráveis como ocorre hoje, o **segundo paradigma** não está esgotado. A pesquisa agrícola tornou-se uma prioridade dos governos, e as instituições públicas de investigação em ciências agrárias expandiram-se vertiginosamente, ao lado daquelas da iniciativa particular, principalmente em tempos mais recentes.

Três pilares sustentam o segundo paradigma:

1. As descobertas e a geração de tecnologias, guiadas pela ciência, reduzem ao mínimo o escopo da tentativa-e-erro, e, por isso, a ciência permite o melhor aproveitamento do tempo do cientista, o único recurso realmente escasso em pesquisa.
2. O crescimento da produtividade da terra explica a expansão da oferta.
3. À medida que se difundiu em todo mundo, a revolução verde fez crescer a oferta de alimentos, fibras e energéticos acima da demanda. Daí a tendência declinante do preço, permeada por oscilações, como as que se presenciam no momento, as quais trazem muita euforia e esquecimento dos tempos difíceis. Ao lado do progresso da medicina, a expansão da oferta de alimentos tem sustentado o crescimento rápido da população. É verdade que ainda há fome, mas não é por falta de produção!

É bem verdade que estamos diante de um novo fenômeno. A produção de alimentos esbarra na capacidade do estômago humano e, por isso, acima de um determinado nível, o incremento da renda não tem efeito no consumo.

Não é o caso dos bioenergéticos, que escapam aos limites do estômago. A sua demanda evolui com a população e ainda mais com a renda. Será mais difícil acompanhá-la a ponto de frear a escalada dos preços. Mas não é impossível, e sem entrar em uma crise de produção de alimentos. Qual a grande ameaça? Certamente, a queda dos preços do petróleo.

**Terceiro:** a geração de tecnologia avança rapidamente, com base no conhecimento cada vez mais profundo da vida e da capacidade técnica de manipular seus fundamentos para produzir novos produtos, insumos e maneiras de fazer agricultura.

Os cientistas terão muito mais capacidade de fazer perguntas à natureza e de respondê-las, com menos incertezas e mais rapidamente. A expressão mais popular do terceiro paradigma é a engenharia genética, mas a biologia avançada permeia todas as fases da pesquisa agrícola. Estamos diante de um enorme potencial para gerar tecnologias capazes de superar restrições da natureza, antes julgadas intransponíveis.

Assim, os cientistas dos países desenvolvidos têm condições de reverter vantagens comparativas na produção de alimentos, fibras e bioenergéticos. Para não perder a posição privilegiada conquistada no comércio internacional, o Brasil terá de investir muito mais em ciências agrárias.

Como o segundo paradigma permitiu a expansão da oferta tanto ou mais que a demanda, esta perspectiva ainda é mais possível com a ciência que está às nossas portas. Portanto, o potencial de reverter a atual tendência de alta de preços é real. Por isso, deve-se ser sensato e inteligente para tirar todas as vantagens que o momento presente nos oferece. ■

\* Pesquisador e assessor do diretor-presidente da Embrapa